
A MULHER DA VIOLÊNCIA: POR QUE ELAS PERMANECEM NESSA RELAÇÃO?

THE WOMAN OF VIOLENCE: WHY DO THEY REMAIN IN THIS RELATIONSHIP?

Angélica Nepomoceno Xavier¹
Fernanda Garbelini de Ferrante²

RESUMO

A violência está presente na sociedade desde a antiguidade, possuindo várias definições. Neste artigo a violência será abordada sobre uma perspectiva subjetiva e singular, considerando que o que pode ser violento para um, pode não ser para outro. Entendendo a relevância do tema na atualidade devido ao crescente número de mulheres em situação de violência objetiva-se identificar aspectos que mantêm a mulher na relação violenta, partindo da seguinte problemática: o que mantém a mulher na relação violenta? É possível pensar em algo que escapa ao discurso feminino, ou seja, que está inacessível conscientemente, propondo assim a existência de conteúdos inconscientes que esclareçam a permanência da mulher nessa relação? Serão apresentados os conceitos de violência e agressividade; definirá a violência contra a mulher, e o papel da mulher dentro da relação, pontuando os conceitos de coparticipação e coautoria. Além de discorrer sobre a mulher a partir da teoria Psicanalítica, descrevendo os pontos principais da sua constituição psíquica, a fim de identificar aspectos inconscientes relacionados com a permanência da mulher na relação. O estudo foi realizado através de uma pesquisa qualitativa teórica com revisão bibliográfica, e fragmentos de relatos retirados de relatórios elaborados a partir dos atendimentos a mulheres em situação de violência. Os resultados obtidos se baseiam na naturalização da violência, pois possui lugar internalizado no sujeito, ou um meio de satisfação inconsciente, de gozo, considerando a fase pré-edípica como fator primordial para o desenvolvimento psíquico da mulher. E o gozo é entendido enquanto um retorno à primeira experiência de satisfação. Foi possível identificar a existência de aspectos inconscientes por trás dos discursos das mulheres, compreendendo que o que pode mantê-las na relação é esta satisfação, essa forma de gozo diante da violência. Hipoteticamente identificou-se possíveis características masoquistas em relação a posição adotada pela mulher na relação de violência.

Palavras-chave: Violência. Violência Contra a Mulher. Feminino. Gozo. Psicanálise.

¹ Bacharel em Psicologia e formação de Psicólogo pelo Centro Universitário Autônomo do Brasil (UniBrasil), Curitiba- PR, Brasil. *E-mail:* psiangelicanxavier@gmail.com

² Psicóloga. Mestre em Ciências Médicas (FMRP/USP). Docente do curso de Psicologia do UniBrasil. Curitiba- PR, Brasil. *E-mail:* fernandadeferrante@gmail.com

ABSTRACT

Violence has been present in society since ancient times, having several definitions. In this article violence will be approached from a subjective and singular perspective, considering that what may be violent for one may not be for another. Understanding the relevance of the theme today due to the growing number of women in situations of violence aims to identify aspects that keep women in violent relationship, starting from the following problem: what keeps women in violent relationship? Is it possible to think of something that escapes female discourse, that is, that is consciously inaccessible, thus proposing the existence of unconscious contents that clarify the permanence of women in this relationship? The concepts of violence and aggression will be presented; will define violence against women, and the role of women within the relationship, punctuating the concepts of co-participation and co-authorship. Besides discussing about the woman from the Psychoanalytic theory, describing the main points of her psychic constitution, in order to identify unconscious aspects related to the permanence of the woman in the relationship. The study was conducted through a theoretical qualitative research with literature review, and fragments of reports drawn from reports prepared from the care of women in situations of violence. The results obtained are based on the naturalization of violence, as it has an internalized place in the subject, or a means of unconscious satisfaction, enjoyment, considering the pre-oedipal phase as a primordial factor for the psychic development of women. And enjoyment is understood as a return to the first experience of satisfaction. It was possible to identify the existence of unconscious aspects behind women's discourses, understanding that what can keep them in the relationship is this satisfaction, this form of enjoyment in the face of violence. Hypothetically we identified possible masochistic characteristics in relation to the position adopted by women in the relationship of violence.

Keywords: Violence. Violence Against Women. Feminine. Enjoyment. Psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher tem sido abordada de forma recorrente na atualidade devido à magnitude de casos de mulheres agredidas pelo fato de serem mulheres, sabe-se que o decurso desta problemática está presente desde os primórdios da humanidade. A violência propõe uma relação de inferioridade/superioridade, qual não trata o sujeito como sujeito, mas como coisa/objeto, a fim de anular, subjugar, sujeitar e tirar-lhe o direito da fala.

Este artigo busca olhar a mulher, sua coparticipação e sua coautoria na manutenção da relação violenta, tira-a do lugar de vítima passiva, pontua que é protagonista dentro do relacionamento, sem que deixe de destacar que ela é prejudicada e também sofre com este relacionamento.

A pesquisa foi realizada através de uma revisão bibliográfica e fragmentos de relatos retirados dos relatórios elaborados a partir dos atendimentos às mulheres em situação de

violência no Plantão Psicológico em uma Vara de Violência Doméstica Contra a Mulher, da Região Metropolitana da Cidade de Curitiba/PR. Foram revisados artigos publicados nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO); Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PEPSIC) e um buscador acadêmico (Google Acadêmico).

Para os critérios de busca foram utilizadas palavras-chave dos temas centrais: violência; violência contra a mulher; violência e psicanálise; feminino. Para a seleção do conteúdo, foi utilizado como critério obras que contemplassem no título e/ou no resumo violência; violência e psicanálise; violência contra a mulher e psicanálise; feminino e psicanálise. Referente aos critérios de inclusão, foram selecionados artigos e livros na língua portuguesa considerados relevantes para atingir o objetivo da pesquisa.

Os fragmentos apresentados de relatos coletados através da experiência têm por intuito ilustrar e correlacionar aspectos práticos com os dados obtidos a partir do referencial teórico psicanalítico estudado. Será mantido o sigilo por meio da não identificação das mulheres atendidas.

O estudo tem por objetivo principal identificar aspectos que mantêm a mulher na relação violenta; seguido dos objetivos específicos: analisar e compreender o conceito de violência; refletir sobre a participação da mulher na violência; e identificar quais os aspectos inconscientes que a mantêm na relação violenta.

A partir dos relatos das mulheres que afirmam continuar com seus companheiros e suportar agressões durante anos, ao alegarem dependência financeira, falta de apoio, pressão familiar, esperança de que o parceiro irá mudar, dentre outras justificativas, identificou-se algo que estaria além deste conteúdo consciente. Aspectos inconscientes, para além do discurso feminino, especificamente daquelas que permanecem na relação.

Diante disso levantou-se a seguinte problemática: o que mantém a mulher na relação violenta? É possível pensar em algo que escapa ao discurso feminino, ou seja, que está inacessível conscientemente, propondo assim a existência de conteúdos inconscientes que esclareçam a permanência da mulher nessa relação?

Dessa forma, o tema possui relevância social, pois propõe uma análise que perpassa os pré-julgamentos e estigmas diante das mulheres em situação de violência, uma vez que o sujeito é dotado de subjetividade e a violência afeta cada um em sua singularidade. Ao tratar da mulher da relação, faz-se necessário olhá-la sob uma perspectiva de copartícipe e coautora, mesmo que inconscientemente, haja visto que uma relação é mantida por ambas as partes.

Além disso, devido ao número de mulheres agredidas por seus parceiros, é importante que se façam produções acadêmicas, a fim de que o conhecimento seja disseminado e possa preparar profissionais psicólogos sobre esse tema, visto que é preciso elucidá-lo para uma atuação prática adequada.

Foram levantadas algumas hipóteses, a partir das representações que a violência possui para cada sujeito e ainda que a violência é um fenômeno que está enraizado no discurso e no comportamento do ser humano. Supõe-se a existência de algo na mulher que leva a uma naturalização e as fazem entender a violência como uma forma possível de ser amada, por vezes a única. Ou ainda, é possível pensar a partir da Psicanálise que a violência ocupa um lugar de gozo, justificando assim sua permanência nesse tipo de relação.

A VIOLÊNCIA

O termo violência, segundo Minayo (2006), tem origem do latim *vis*, que significa “força”, refere-se à concepção de constrangimento e uso de superioridade física sobre o outro, apresenta-se por meio de conflitos, disputas de poder, posse e domínio de forma intencional. Tem por intuito a anulação e o aniquilamento.

É compreendida histórica e culturalmente, expressa-se através da subjetividade, faz parte da história da humanidade desde os primórdios e permanece presente na sociedade até a atualidade. É considerada como um fenômeno complexo, devido às múltiplas causalidades, na qual fatores biológicos, ambientais, psicológicos e sociais interagem, representada nas relações sociais e nos sujeitos (Minayo, 2013).

Saffioti (2004) considera-a a partir do âmbito individual e singular, ao enfatizar a violência como fenômeno que se expressa a partir das representações presentes no interior de cada um, isto é, o que é considerado violento para um, pode não ser considerado para outro, pois há uma linha tênue que separa a violência daquilo que é dito como não violento.

Ao levar em conta que a violência acomete as pessoas em sua singularidade, a afirmativa de que esta prática coloca o sujeito numa posição de anulação, alienação e objetificação apontaria para a possibilidade de que a violência “coisifica” o sujeito que sofre dela nas relações?

Para Chauí (1985), a violência está ligada à força e à desigualdade, tem por finalidade a dominação, a exploração e a opressão, a partir da existência de uma relação de superioridade/inferioridade e atos que não tratam o sujeito como tal, mas como coisa. Coloca-o em estado de inércia, passividade e silêncio; dessa forma, pontua que a violência surge quando a fala e a atividade do outro são impedidas ou anuladas.

Minayo (2013) entende que a violência tem por intuito colocar o sujeito no lugar de objeto, afirma que acontece em “qualquer situação em que uma pessoa perde o reconhecimento do seu papel de sujeito e é rebaixada à condição de objeto, mediante o uso do poder, da força física ou de qualquer outra forma de coerção” (p. 250).

Diante do discurso dos autores mencionados, seria possível fazer um paralelo com Freud em seu texto “Por que a guerra?”, escrito em 1932, direcionado à Einstein, ao discorrer sobre a violência e o seu lugar na vida do sujeito.

Freud (1932/2010) propõe que a violência seria um meio dos homens resolverem os conflitos ao eliminar o outro. Possui caráter de anulação, sujeição e subjugação e é um instrumento de dominação, indicando concordância com o que foi descrito anteriormente. Quando Freud discorre sobre o assunto, em contraposição à Chauí, ele propõe que numa relação de violência não há uma posição de passividade absoluta, mas a existência de um desejo de ser dominado e obedecer, sugerindo que o ser humano possui uma predisposição à agressividade como algo inerente à sua condição.

Freud (1930/2010), em seu texto “O mal-estar na civilização”, pressupõe que a agressividade é inata ao ser humano, é como se o ser humano possuísse certa inclinação à agressão. E ainda destaca que controlar a agressividade e abandonar a satisfação obtida, assim como as pulsões sexuais, é motivo de sofrimento para o sujeito. A agressividade está

internalizada e direcionada ao próprio eu, quando é externalizada em forma de ato transforma-se em agressão e acarreta a violência. Saffioti (2004) explica que a agressividade é uma força propulsora positiva, enquanto agressão seria um ato destrutivo e autodestrutivo e devastador.

Assim como a violência só pode ser denominada através do vivido, por vezes, além de anular e alienar, também silencia. Sujeitos acometidos pela violência perdem muitas vezes o direito da fala, de expor no discurso aquilo que é vivido. Se levar em conta que o ser humano é atravessado pela linguagem, uma parte de si se anula ao se silenciar. Nesse momento se propõe olhar a violência contra a mulher e o papel da mulher na violência, com enfoque nas representações que possui para cada uma delas.

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E O PAPEL DA MULHER NA VIOLÊNCIA

Ao abordar a violência por essa perspectiva singular, apresentar-se-á a noção de violência vivida pelas mulheres. A violência contra a mulher, conforme Schraiber e D'Oliveira (1999) e Jesus (2015), parte da concepção das desigualdades de gênero presentes na sociedade. Refere-se a atos violentos e agressivos cometidos contra as mulheres somente pelo fato de serem mulheres, podendo acontecer no ambiente público ou privado, ocasionando em morte ou danos físicos, psicológicos, sexuais, morais e patrimoniais³. E frequentemente ocorrida no âmbito doméstico pelo parceiro íntimo, considerada como uma violação dos direitos humanos.

Ao considerar que a violência contra a mulher possui relação com as desigualdades construídas socialmente sobre o gênero feminino e com as representações que cada mulher elabora da violência para si, será que ao serem agredidas nomeiam isso como violência?

Para exemplificar, Schraiber et al. (2003) constatam que maior parte das mulheres não consideram ter sofrido violência, mesmo ao relatarem episódios de agressões físicas, psicológicas ou sexuais. Saffioti (2004, p. 75), a respeito disso, diz que:

embora se trate de mecanismo de ordem social, cada mulher o interpretará singularmente. Se pensarmos na ruptura de integridades como critério de avaliação de um ato como violento, este por sua vez situa-se no terreno da individualidade, tomando uma proporção individual e singular para cada mulher.

Segundo a mesma autora e obra, as mulheres são espancadas, humilhadas, assassinadas por seus próprios companheiros, ex-companheiros, ex-namorados, inclusive quando resolvem romper o relacionamento, o que por vezes resulta em feminicídio⁴. A reincidência dos atos

³ Constam na Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006 (“Lei Maria da Penha”), as formas de violência contra a mulher, consideradas como violência física, violência psicológica, violência sexual, violência patrimonial e violência moral. Segundo o Art. 1º, “Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher” (BRASIL, 2006, p. 1).

⁴ O conceito de feminicídio foi elaborado por Diana Russel, uma socióloga e feminista que usou o termo para designar a morte de mulheres, ocasionado por homens, pelo fato de serem mulheres. São mortes violentas de mulheres devido às desigualdades de gênero. Entre os anos de 1980 a 2013 foram registradas mais 106 mil mulheres mortas violentamente (BRASIL, 2016).

violentos põe em reflexão a permanência das mulheres na relação, remetendo a questão central deste artigo.

A violência ocorre dentro de uma relação afetiva, o que dificulta a saída da mulher sem uma intervenção externa. Até que isso ocorra, o ciclo da violência é mantido, ou seja, acontecem movimentos de saída e de retorno na relação. Cabe ressaltar que é uma construção conjunta entre os pares, ambos possuem o seu papel na manutenção da violência. Isso não significa que os papéis desempenhados sejam iguais, mas que a partir da subjetividade, experiências e vivências, cada um possui seu lugar dentro da relação. Esses papéis exercidos por cada sujeito estabelecem a violência como algo natural e habitual (Saffioti, 2004).

É relevante trazer para discussão o conceito de *habitus* apresentado por Bourdieu (2012), referindo-se à essa naturalização da violência e da dominação do homem sobre a mulher, como algo que está enraizado socialmente, e torna-se um hábito. Ferrante (2008, p. 26) enfatiza que:

tornou-se natural, normal e inevitável, encontra-se, assim, em estado objetivado e incorporado, apresentando-se como um princípio universal de visão e divisão, ou seja, um *habitus*. Para o autor, *habitus* refere-se ao senso que norteia a situação, a ação, as preferências e a visão de mundo dos indivíduos, é um modo de fixação e evocação do passado que impede que seja pensado.

A violência torna-se comum e natural na vida de uma mulher, a exemplo de Freud (1930, p. 72), em uma nota de rodapé, ao citar que “o objeto amoroso nem sempre encarará essas complicações como grau de compreensão e tolerância demonstrado pela camponesa ao se queixar de que seu marido não a amava mais, pois havia uma semana que não a espancava”.

Diante da violência, as mulheres acabam interiorizando essa posição, por terem isto como algo natural, e quando a violência não ocorre, reagem com estranheza. Pode-se refletir diante desta afirmação que a violência atinge esse grau de naturalização, não somente através do *habitus* de Bourdieu (2012), mas por ela acreditar na violência como uma expressão de amor do parceiro.

A partir disso, compreende-se que a mulher possui seu papel na violência. Conforme Saffioti (2004) expressa, a mulher apresenta-se numa posição de coparticipação e coautoria, o que faz olhá-la não como vítima. Isso remete à ideia de Freud mencionada anteriormente, de que não há uma passividade absoluta, e nesses casos não cabe considerar a mulher somente como vítima dentro do relacionamento.

O fato de entender o papel que a mulher tem na violência não justifica as agressões, mas a insere como copartícipe e coautora da relação e da manutenção do ciclo da violência, mesmo que inconscientemente. A autora afirma que “assim, embora as mulheres não sejam cúmplices dos patriarcas, cooperam com eles, muitas vezes inconscientemente, para a perpetuação desse regime” (Saffioti, 2004, p. 65).

Nem sempre as mulheres sofrem violência passivamente, de uma forma ou de outra reagem. Compreender as mulheres como coautoras não exclui ou nega toda a condição e a construção histórica que há por detrás desse tipo de violência, mas propõe-se identificar o seu

lugar na relação. Entende-se que a presença da violência contra a mulher supõe a existência de uma mulher mesmo que tenha por intuito anulá-la, pois é na violência que ela se reconhece e é reconhecida.

Sendo assim, as mulheres que vivem em relacionamentos violentos por anos, e justificam sua permanência nessas relações, podem ser vistas sobre a perspectiva discorrida até aqui. Se a violência tem esse caráter de anulação, sujeição e alienação, silenciando o sujeito que sofre, será que tudo que é dito, por exemplo, por essas mulheres em situação de violência, expressa tudo o que elas têm a dizer? Ou seria aí que o inconsciente se manifesta, trazendo à tona elementos indizíveis que não são manifestados de maneira consciente através dos seus discursos? Questões essas, que serão abordadas a seguir.

A MULHER DA VIOLÊNCIA

A violência ocupa um lugar singular em cada sujeito. Nota-se que na mulher ela possui suas representações psíquicas no âmbito da singularidade, ou seja, cada mulher vivencia a violência a partir da sua experiência e suas representações subjetivas. Para isso é preciso compreender melhor sobre a constituição da mulher, ressaltando alguns aspectos sobre a construção do feminino a partir da Psicanálise.

Para dar início às considerações acerca da constituição psíquica da mulher, Freud cita em seus textos “Sexualidade Feminina” (1931/2010) e “Feminilidade” (1933/2010) que tanto o menino quanto a menina têm como o primeiro objeto amoroso a mãe, devido às satisfações iniciais e o cuidado proporcionados pela função materna.

Freud (1931/2010) percebeu que, anterior à ligação da menina com o pai, havia uma fase de exclusiva ligação com a mãe, ou seja, antes da troca de objeto, há uma ligação intensa entre mãe e filha, que pode durar até os quatro ou cinco anos de idade. Ressaltando que no curso normal do desenvolvimento essa ligação primordial desaparece, cedendo lugar à ligação com o pai, ou a esse terceiro que exercerá a função paterna, acarretando na mudança de objeto e no afastamento da relação intensa com a mãe.

O desfecho dessa ligação na garota ocorre quando ela se depara com a sua falta de pênis a partir do Complexo de Castração⁵, através da visão do outro genital, no qual ela percebe a diferença existente, sentindo-se castrada. No entanto, reconhecer a castração é um marco no desenvolvimento da mulher. Ela precisa conviver com a falta e procurar durante a vida formas de preenchê-la. Admite também sua inferioridade e, por sua vez, a superioridade do homem. Todavia, essa posição da menina diante da castração apresenta três saídas para a sexualidade da mulher que são: a inibição sexual ou a neurose, a mudança para um complexo de masculinidade, e à feminilidade normal (Freud, 1931-1933/2010).

⁵ Complexo de Castração é um complexo presente na fantasia, como uma resposta às diferenças anatômicas entre os sexos, ou seja, quando o menino, ou a menina identificam os órgãos genitais diferentes entre eles, sendo para a menina uma “amputação” do seu pênis, ao identificá-lo no menino ou no pai. No entanto, em ambos os complexos se diferem, possuindo uma estreita relação com o Complexo de Édipo e sua função de lei simbólica e interdito (La Planches & Pontalis, 2001).

Levando em consideração a relação da menina com seu primeiro objeto de amor, seria possível afirmar que há uma repetição de padrões entre a fase pré-edípica (relação entre mãe e filha) com as relações amorosas vividas posteriormente? Isto poderia explicar a permanência da mulher nas relações violentas?

Para exemplificar, Freud (1931/2010, p. 379-380) considera que “muitas mulheres escolhem o marido conforme o modelo do pai, ou o põem no lugar do pai, mas repetem com ele, no casamento, a má relação com a mãe”, evidenciando assim um estado que o autor nomeou de “regressão”, pois, mesmo que tenha se construído uma ligação com o pai, no casamento ou no relacionamento amoroso, é a relação original, isto é, a relação com a mãe que é retornada.

Souza (2011) salienta que a falta existente na constituição psíquica do sujeito, abordada na teoria de Freud, promove a capacidade de desejar, coloca o sujeito na posição de desejante, em busca de satisfação. Como foi dito anteriormente, a menina frente ao Complexo de Castração e ao Complexo de Édipo⁶, reconhece-se como um ser castrado, e se vê assim como a mãe. Abandona a ideia da mãe-fálica que antes imaginava e deixa de lado o objeto original de amor que a mãe representava. Harari (1996, p. 55) salienta que “ser mulher implica a castração como falta simbólica”, falta esta que determina o modo de gozo na mulher.

Portanto, essa evolução libidinal que transforma a menina em mulher e define seu objeto amoroso e sua forma de se relacionar, também traz consigo um modo singular de gozo. Segundo Roudinesco e Plon (1998), o termo “gozo” foi criado no século XV, para referir-se às satisfações obtidas de determinado bem. Inicialmente tinha relação com a “noção de usufruto”, no qual se tem o direito de gozar de bens. Lacan (1971-1973/1985) no “Seminário 20, mais ainda”, aponta para essa concepção de usufruto, termo utilizado no direito, que designa o direito de gozar dos próprios meios, sem exageros, afirmando que:

O usufruto quer dizer que podemos gozar de nossos meios, mas que não devemos enxovalhá-los. Quando temos usufruto de uma herança, podemos gozar dela, com a condição de não gastá-la demais. É nisso mesmo que está a essência do direito – repartir, distribuir, retribuir, o que diz respeito ao gozo (Lacan, 1971-1973/1985, p. 11).

Roudinesco e Plon (1998) citam que Freud, no decorrer de sua obra, considerou o gozo não somente como sinônimo de prazer, mas como algo que é sustentado por uma identificação e pela repetição inconsciente, possuindo relação com a pulsão de morte⁷. Em seu texto “Para além do princípio de prazer” (Freud, 1920), o gozo “é visado num esforço de reencontro, mas, pela virtude do signo, alguma outra coisa ocorre em seu lugar, um rasgo, uma marca, e nessa falha resvala o objeto sempre já perdido” (Kaufmann, 1996, p. 221).

⁶ Complexo de Édipo “designa o conjunto das relações que a criança estabelece com as figuras parentais e que constituem uma rede em grande parte inconsciente de representações e de afetos entre os dois pólos de suas formas positiva e negativa” (Kaufmann, 1996, p. 135)

⁷ Por pulsão de morte entende-se ser “de origem inconsciente e, portanto, difícil de controlar, essa compulsão leva o sujeito a se colocar repetitivamente em situações dolorosas, réplicas de experiências antigas (Roudinesco & Plon, 1998. p. 631).

Diante disso, ao citar Lacan (1950), os autores apontam para a relação presente na criança ao vivenciar a primeira experiência de satisfação diante do Outro materno, e que nesse momento é também remetida ao discurso desse Outro. Ao entrar em contato com a satisfação obtida nesse momento, o sujeito busca a repetição desse processo, ou seja, vai em busca do gozo inicial presente nas primeiras experiências de satisfação. Portanto, o gozo se estabelece como uma busca pelo objeto a^8 , ou seja, o objeto perdido, que, mesmo lhe causando sofrimento, coloca-o em busca do gozo inicial (Roudinesco & Plon, 1998). O que possibilita pensar que a repetição mencionada por Freud anteriormente reflete na ideia de que o sujeito busca durante a vida formas de repetir essa primeira experiência de satisfação, esse gozo inicial da relação com o Outro materno.

Assim, segundo Kuss (2015, p. 24), “o ser humano sempre irá buscar objetos substitutivos na tentativa de restaurar esse objeto perdido”, ou seja, durante a vida, o sujeito procura substitutos a partir das suas escolhas libidinais, a fim de reencontrar esse objeto perdido, porém esse reencontro sempre ocorrerá de forma parcial.

Com isso, Miller (1999 *apud* Jorge, 2010, p. 134) considera a oposição entre gozo e prazer, pois “o prazer tem a ver com a homeostase, ao passo que o gozo supõe um extremo de tensão, uma excitação, e também é compatível com o contrário do prazer, ou seja, a dor”, isto é, é possível gozar e obter satisfação de uma experiência de dor.

O gozo é uma satisfação impossível de ser alcançada em sua totalidade, é inacessível e interdito àquele que fala, pois considera-se que o sujeito ao se inserir na linguagem perde uma parte do gozo. Tem como função a retomada simbolizante de algo que foi perdido, e está ligado a uma noção de repetição. O gozo apresenta-se onde está o excesso, o inominável, o traumático e o objeto perdido. Em suma, seria uma satisfação inconsciente que leva à repetição, e por isso está na ordem do Real⁹. Jorge (2010, p. 139) enfatiza que “o gozo está interdito a quem fala, só pode ser dito nas entrelinhas por quem está sujeito à Lei, pois a lei se funda justamente nessa interdição”.

Valdivia (1997) ao discorrer sobre algumas concepções de Lacan, considera que a relação que a mulher tem com o gozo é diferente da relação que o seu parceiro tem, ou seja, compreende-se a lógica da mulher enquanto “não toda” (castrada), identificando nela mesma a falta, a falta do falo¹⁰, isso permite-a ter acesso a um gozo diferente, um “gozo *Outro*”¹¹. Este gozo está fora da linguagem e permanece no Real, na ordem do indizível.

⁸ Objeto a refere-se a uma forma de representação da falta instaurada no momento em que a relação ideal entre mãe e filho se torna algo perdido, representado por um vazio, pois não existe na realidade algo que corresponda a ele, sendo “aquilo que é contornado pela pulsão, buscando atingir a satisfação, numa tentativa de retorno a zona erógena que lhe serviu de fonte”, possibilitando o sujeito desejar (Kuss, 2015, p. 32).

⁹ O termo Real é utilizado por Lacan “para designar uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 645). Segundo Kuss (2015) o gozo do Real é atribuído por Lacan no Seminário 7, quando ele considera que o gozo não se localiza mais no simbólico, nem no imaginário.

¹⁰ Em psicanálise o falo significa a função simbólica desempenhada pelo pênis na subjetividade (La Planches & Pontalis, 2001).

¹¹ Grifo do autor.

A mulher possui além desse gozo Outro, o gozo fálico, ou seja, possui estas duas formas, e é dividida por ambos. O gozo fálico, forma de gozar masculina, é finito e limitado pelo significante, ou seja, conforme afirma Kuss (2015), é o gozo que tem possibilidade e está atravessado pela linguagem, possibilitando ao sujeito falar daquilo que lhe falta. Por outro lado, o esse tipo de gozo está relacionado ao infinito, ao Real, ao inominável, faz com que a mulher fique dividida em seu modo de gozar, pelo fato de não estar inteiramente no registro fálico, a lógica fálica para ela acontece parcialmente. Lacan (*apud* Gonçalves, 1996, p. 20) pontua que a mulher por estar dividida em sua forma de gozo, apresenta o gozo mais-além, ou gozo suplementar, no qual ele refere-se ao gozo feminino em que:

A posição de gozo feminino dá acesso a esse outro modo de gozar, o que Lacan chamou Outro sexo, possível também um homem de aí se colocar. Isso permite que a posição feminina tenha acesso ao gozo do Outro, que arrebatava o corpo feminino, *gozo suplementar*, um a mais, aquele que foi dividido pelo gozo fálico e que vai além, infinito. Enquanto o gozo fálico, masculino, pode ser dito, o Outro gozo é inominável.

Perante a posição de não todo, e pelo fato de não estar inscrita totalmente na lógica fálica, a mulher acaba se colocando no lugar de falo, isto é, coloca-se no lugar de objeto de desejo do outro através da sua falta, transformando-se naquilo que ela não tem. Conforme discorreu Lacan (*apud* Quinet, 2001), a mulher, para ocupar o lugar de desejo do outro, adota uma posição de menos valia, para demonstrar assim sua castração. A mulher de certa forma não aceita ser marcada por uma falta, e quer assim se mostrar inteira.

Levando em consideração as questões propostas, é possível pensar que a violência dentro de um relacionamento amoroso preenche a falta nessa mulher? Será que a mulher é capaz de gozar dessa posição obtendo assim uma satisfação inconsciente?

O gozo, do qual a mulher tem acesso, refere-se a um gozo que elas não sabem dizer sobre ele. Pois a mulher como não toda se refere à existência de que algo fica fora do seu discurso, é como se uma parte não atingisse às palavras, impossibilitando-as a dizer daquilo que não se sabe. Para exemplificar, Lacan (1972-73/2008, p. 80, *apud* Kuss, 2015, p. 78) afirma que “há um gozo dela sobre a qual talvez ela mesma não saiba nada a não ser que o experimenta – isto ela sabe. Ela sabe disso certamente, quando isso acontece. Isso não acontece a elas todas”.

É provável que a mulher encontre na violência uma forma de gozar, levando em conta que o gozo do qual tem acesso, encontra-se na ordem do não dito, daquilo que não lhe cabem as palavras. Sendo assim, quando uma mulher afirma que o que as mantém numa relação é o amor que elas sentem, ou a esperança de mudança do parceiro, mesmo após episódios de violências, são justificativas das quais ela tem acesso conscientemente. No entanto, ao considerar o que há por trás dos seus discursos, isso se refere a esta forma de gozo singular que as possui.

Souza (2011, p. 88) enfatiza que a mulher “no desamparo de seu ser, encontra na violência uma expressão avessa daquilo que deseja de um homem: uma mediação fálica que lhe traga alguma significação como sujeito feminino, que lhe diga o que é ser mulher”. Isto

é, a mulher encontra satisfação ao se relacionar com um homem que possa dar a ela aquilo que lhe falta, falta esta identificada como resquícius da relação primordial que a inscreve na posição de ser faltante, colocando-a nessa busca constante do objeto perdido, e do retorno à satisfação primitiva. A mulher goza desse lugar, mesmo que seja através da violência, ou seja, mesmo que a dor cause um certo grau de desprazer, isso não impede que se possa gozar dela (Ferreira, 2004).

Diante disso, seria possível relacionar essa forma de satisfação presente na mulher frente à violência com elementos presentes na posição masoquista? Retomando a ideia de que a mulher possui sua participação e seu papel frente ao relacionamento violento, Bourdieu (2012, p. 52) afirma que:

consiste em atribuir às mulheres a responsabilidade de sua própria opressão, sugerindo, como já se fez algumas vezes, que elas escolhem adotar práticas submissas (“as mulheres são seus piores inimigos”) ou mesmo que elas gostam dessa dominação, que elas “se deleitam” com os tratamentos que lhes são infligidos, devido a uma espécie de masoquismo constitutivo de sua natureza.

Esta afirmação não tem por intuito culpar a mulher diante da violência, mas considerar que as mulheres possuem suas responsabilidades na relação, e que existe algo nelas que fazem com que elas se relacionam dessa forma, mantendo-se no relacionamento violento. O autor enfatiza que essa posição da mulher diante da naturalização e submissão à violência pode estar relacionada com aspectos presentes no masoquismo, não que a mulher seja masoquista, porém apresenta semelhanças dessa posição.

Ferreira (2004, p. 15) refere-se ao trecho retirado de Almeida Garrett que diz: “se estou contente, querida, com esta imensa ternura. De que me enche o teu amor? – Não. Ai! não: falta-me a vida, sucumbe-me a alma à ventura: O excesso do gozo é dor.” Esta expressão, aponta à concepção de que talvez o que o move o sujeito a amar, é o desejo e o gozo diante do sofrimento. De maneira que obter satisfação através da dor, pode estar relacionado também com a posição masoquista, tendo em vista que é possível extrair prazer de uma experiência de dor.

Portanto, os termos sadismo¹² e masoquismo¹³, denominados por Krafft-Ebing, são designados em Freud (1905/2016), no seu texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, referindo-se como as duas formas ativa e passiva diante da sexualidade. Para Krafft-Ebing, ambas as posições estão relacionadas com o prazer obtido através da humilhação e da submissão. Entretanto, o masoquismo estaria ligado a uma conduta passiva do sujeito diante

¹² O sadismo, em Freud (1905/2010) estaria relacionado a “um componente agressivo do instinto sexual que se tornou independente, exacerbado” (p. 52), além de representar “uma atitude simplesmente ativa, depois violenta ante o objeto sexual, até o vínculo exclusivo da satisfação com a subjugação e o mau tratamento desse objeto” (p. 52).

¹³ Além do que foi exposto, o masoquismo pode ser considerado um complemento ao sadismo que é direcionado a própria pessoa. Ambos ocupam um lugar entre as perversões baseados nas posições de atividade e passividade (Freud, 1905/2010).

do sexo e do objeto sexual, e numa atitude extrema “consiste em vincular a satisfação com o sofrimento de dor física ou psíquica por parte do objeto sexual” (p. 52).

Freud (1924/2011), em “O problema econômico do masoquismo”, considerou que o masoquismo possui três formas distintas de manifestação que são o masoquismo *erógeno*, o *feminino* e o *moral*. O masoquismo erógeno está relacionado com o prazer pela dor, tendo como base o fundamento biológico e a excitação sexual; o masoquismo moral refere-se ao sentimento de culpa inconsciente diante dessa posição, a partir de modelos e normas culturais estabelecidas socialmente; e o masoquismo feminino compreende fantasias que o sujeito tem de ser humilhado, amarrado, amordaçado, colocado numa posição de desvalia e inferioridade.

Considerando essa definição, afirma-se que:

O masoquismo feminino se materializa no relacionamento com o outro, ao qual o sujeito se oferece como objeto para ser aviltado e humilhado. O que está em questão é a posição de humilhação frente ao objeto amoroso, pois aqui se faz necessária a encenação masoquista com o outro, diferentemente do masoquismo moral, no qual a figura do outro aparece sob a forma das injunções da cultura (Fortes, 2007 *apud* Narvaz, 2010, p. 51).

O masoquismo pode estar relacionado a fantasias infantis, nas quais a pessoa deseja ser tratada como uma criança, que precisa ser amparada e é dependente, e, principalmente ser tratada como uma criança malcomportada “pois o indivíduo supõe haver infringido algo (não determinado) que deve ser expiado mediante procedimentos penosos e torturantes” (Freud, 1924/2011, p. 190), acreditando merecer as agressões sofridas, culpando-se.

Freud (1919/2010), em seu texto “Batem-se numa criança”, afirma que essa fantasia está relacionada com sentimentos de prazer, que ocorrem ainda quando criança. A criança apresenta a fantasia do “batem-se numa criança” ao ver outra sendo surrada ou espancada, atribuindo a isso uma excitação e uma repulsa, entendendo que as crianças, ao fantasiarem, se comportavam de maneira com que fossem espancadas também.

O autor diz que “o prazer ligado à fantasia de surra devia ser chamado de sádico ou de masoquista” (Freud, 1919/2010, p. 223). Ressaltando que a criança que fantasia não é a mesma que apanha, por ver um outro apanhando. Essa fantasia de surra faz com que a criança acredite que ao apanhar existe um recuo do amor e uma humilhação, diante daquele que bate. A pessoa que bate sempre é o pai, pois essa fantasia deriva do desejo incestuoso em relação ao pai e, no decorrer da vida, passa a ser outra pessoa substituta que o represente.

Harari (1996) ressalta que essas fantasias masoquistas que estão internalizadas no sujeito, podem estar relacionadas com a escolha do objeto amoroso. A mulher então vai em direção à homens que lhe cometem maus tratos e passa a possuir uma paixão intensa a esse tipo de relação, que a coloca numa posição de humilhação, subjugação e inferioridade. Diante disso, compreende-se que a mulher se dispõe a esse sacrifício, pois representa a ela que é preciso perder algo para conseguir um gozo a mais. Portanto, a mulher perde algo de si ao ser violentada, mas, em contrapartida, ganha um gozo a mais ao se satisfazer dessa posição.

OBSERVAÇÕES TEÓRICO-PRÁTICAS

Para exemplificar essa relação que a mulher possui com a violência, e a proporção que isso toma em seu inconsciente, quais seriam as justificativas conscientes dadas pelas mulheres para permanecer na relação violenta?

Estas justificativas foram identificadas a partir da experiência obtida no Plantão Psicológico de uma Vara de Violência Doméstica Contra a Mulher. Lá as mulheres são atendidas com o objetivo de fornecer acolhimento e escuta qualificada no momento de crise e fragilidade, o que acarretou na coleta de alguns relatos ao longo da experiência de Estágio Supervisionado I e II que teve duração de dois semestres correspondentes ao nono e décimo períodos do curso de Psicologia.

Foi através desta experiência que se observou em alguns relatos de que há algo nessas mulheres que as mantém nas relações violentas. No entanto, é algo de uma ordem da qual elas não conseguem dizer, o que se pode nomear de inconsciente. Mas numa tentativa de não acessar esses conteúdos inconscientes, a maioria delas trazem em seus discursos motivos para permanecerem nesse tipo de relação.

Muitas mulheres permanecem anos aceitando e retornando com os seus companheiros mesmo após episódios de violência. Dentre os relatos, elas disseram: “queria acreditar que ele poderia ser uma boa pessoa”; “eu fico com ele por necessidade financeira”; “vou aguentar mais esse tempo por conta do filho”; “ele disse que ia mudar e eu o aceitei de volta”; “ele ficou muito doente e eu fiquei com dó e acolhi ele em casa novamente”; “sempre achei que ele iria mudar”; “perdoei por conta da filha”; “sinto muita pena e gosto dele”; “eu aguardei tudo isso por muito tempo por conta dos meus filhos”; “eu aceitei ele de volta por causa do meu filho”; “mas ele me bateu só uma vez”; “ele prometeu que iria mudar”; “demorei anos para ver que o que ele fazia era violência”; “mulher é burra mesmo, ele me traiu e eu o aceitei de volta”; “nós conversamos, ele pediu perdão, fazem 5 dias que ele mudou e não fez mais o que ele fazia”; “eu voltei porque eu gostava dele”; “eu não tinha para onde ir”; “minha mãe falava que homem é mesmo assim, ela aguentou meu pai batendo nela, então ela me disse que eu também teria que aguentar”; “a casa é minha, eu não vou sair”; “a gente nunca entra num relacionamento achando que vai passar por isso” [sic].

Em concordância, Brandão (2006) identificou em suas pesquisas com mulheres em situação de violência, que dentre os seus relatos constavam dificuldades financeiras, reconciliação, filhos etc. É evidente que as justificativas se repetem ao se referir à preocupação com os filhos, preservação da família, esperança de mudança, preservação da moradia e dependência financeira, considerando que a casa possui um valor simbólico bastante significativo nessas relações e estão presentes nos discursos dessas mulheres.

Tendo em vista o que foi proposto até o momento, é possível afirmar que há algo de uma ordem inconsciente que escapa o discurso dessas mulheres, fazendo com que se mantenham nesse tipo de relação.

Ao olhar a violência pela perspectiva singular que se apresenta para cada mulher, retoma-se a ideia de Saffioti (2004), ressaltando que a violência é vista dentro da lógica

subjetiva e singular, pois o que pode ser violento para uma, pode não ser para outra, tendo em vista que sempre é preciso olhar o caso a caso para compreender a representação que a violência possui na vida de cada mulher. Partindo desse princípio, é possível dizer sobre o gozo da mulher que diante de atos violentos referidos a ela há uma satisfação inconsciente, da qual ela não sabe dizer.

Por isso, considera-se que por serem todas castradas e não todas, não é possível impor a elas uma lógica universal, pois cada uma existe em sua singularidade, o que faz com que seja preciso olhá-las uma a uma, enfatizando que é singular o modo com que cada mulher tem a violência representada dentro de si. Lacan (*apud* Kuss, 2015, p. 78) enfatiza que “a mulher seja não toda significa dizer que há algo dela que fica fora do discurso, que uma parte dela não se pode atingir pelas palavras”.

Ao compreender a mulher como não toda, há sempre algo que lhe escapa seu discurso, além de possuir um gozo singular que é do feminino (Lacan, 1972-73/2008, *apud* Kuss, 2015). Há uma satisfação dessa posição que preenche parcialmente a falta instaurada em sua constituição psíquica e na sua relação com o Outro primordial, o que a inscreve numa lógica não toda fálica. Por esse motivo, a mulher goza diante da violência, ao passo que o gozo pode representar o retorno à primeira experiência de satisfação, havendo assim uma repetição da satisfação inicial.

O que se propôs até aqui foi compreender que esses elementos identificados são de uma ordem inconsciente, em que a mulher, por ser não toda, possui algo que fica fora do seu discurso e traz à tona elementos indizíveis e inomináveis, dos quais não têm acesso e não sabe dizer, utilizando, no lugar destes, justificativas conscientes para manter-se na relação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do entendimento da violência pela perspectiva singular e subjetiva, foi possível compreender que este fenômeno é representado internamente nas mulheres em sua singularidade, tendo em vista as suas percepções diante do que consideram como violento ou não. A violência pode estar naturalizada, internalizada, e até mesmo ser entendida pelas mulheres como uma manifestação de amor.

No entanto, a questão primordial proposta levou à compreensão de que a permanência da mulher na relação violenta está ligada a aspectos presentes na sua constituição psíquica, no modo de se satisfazer, de gozo. Portanto, a relação com o Outro materno ou aquele que exerce esta função, tem relevância significativa no desenvolvimento psíquico da mulher, direciona sua forma de agir, se relacionar, desejar e buscar satisfação durante a vida.

Há uma tentativa de retorno a relação primordial ou primitiva da menina com a mãe em alguns momentos, isto é, quando a mulher repete nas relações amorosas os conflitos que ela possui com Outro materno, o que Freud nominou de “regressão”. O próprio gozo tem por intuito retornar à primeira experiência de satisfação que é proporcionada pela mãe ou por quem exerça essa função.

Por outro lado, em seu desenvolvimento, a menina se depara com a castração, com a falta de pênis, passando a identificar-se como castrada, não detentora do falo, situação que a inscreve na posição de faltante. A falta move o sujeito a procurar durante a vida variadas formas de preenchê-la, na tentativa de chegar a completude, retornar à primeira experiência de satisfação, ou reencontrar o objeto *a*, mesmo que isso só aconteça parcialmente.

Diante disso, compreende-se que a violência possui um lugar de gozo na vida da mulher, ou seja, é possível que a mulher obtenha satisfação mesmo que seja de uma experiência de dor, de um ou vários episódios de violência. Essa questão é hipoteticamente relacionada com características presentes na posição masoquista, da qual, o sujeito tem prazer em passar por experiências de dor e sofrimento. Não significa que a mulher seja masoquista, porém relaciona seu modo de gozo com características presentes no masoquismo abordado como uma hipótese, para além das que foram levantadas inicialmente.

Para entender a forma de gozo, enfatiza-se que a mulher possui um gozo a mais, ou seja, além do gozo fálico, ela possui um gozo Outro, suplementar, ou feminino, e é dividida por ambos. Esse gozo está presente no Real, onde as coisas não têm nome, em que não é possível dizer sobre elas.

Por isso, considera-se que existe algo por trás do discurso das mulheres, ou seja, além das justificativas conscientes apresentadas, que faz com que a mulher permaneça na relação. E isso só é possível, pois ao serem vistas como “não todas”, sempre terá algo que irá escapar os seus discursos, que não se atingirá pelas palavras.

Sendo assim, foi possível atingir o objetivo proposto, pois a partir da Psicanálise, identificou-se aspectos inconscientes que podem estar relacionados com a permanência da mulher na relação violenta. Tendo em vista que esses elementos acabam servindo de pano de fundo por trás das justificativas conscientes das mulheres em manterem-se na relação.

Entretanto, isso não esgota as contribuições sobre o tema, pois existem outras possibilidades de respostas às questões propostas. Principalmente pelo fato de que o caso a caso traz ainda mais elementos, uma vez que a violência ocupa um lugar diferente em cada mulher, sendo necessário refletir sobre constituição psíquica de cada uma através de suas experiências, vivências e representações que a violência passa a ter dentro do sujeito em sua singularidade.

REFERÊNCIAS

- Bourdieu, P. (2012). *A dominação masculina* (11a ed., Kühner, M. H., Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Brandão, R. E. (2006). Renunciante de Direitos? A problemática do enfrentamento público da violência contra a mulher: o caso da Delegacia da Mulher. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, 16(2), 207-231. Recuperado de https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/physis/v16n2/v16n2a05.pdf

- Chauí, M. (1985). Participando do debate sobre mulher e violência. In R. Cardoso, M. Chauí, M. C. Paoli, & SOS-Mulher. *Perspectivas antropológicas da mulher* (n. 4, pp. 25-62). Rio de Janeiro: Zahar.
- Ferrante, G. F. de (2008). *Violência contra a mulher: a percepção dos médicos das Unidades Básicas de Saúde de Ribeirão Preto* (Dissertação Mestrado). Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP, São Paulo, SP, Brasil. Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/17/17139/tde-06032009-151551/pt-br.php>
- Jesus, E. D. de (2015). *Violência contra a mulher: aspectos criminais da Lei n. 11.340/2006* (2a ed.). São Paulo: Saraiva.
- Ferreira, P. N. (2004). *A teoria do amor na psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Freud, S. (2010). “Batem-se numa criança”: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In *Freud: Obras Completas, Vol 14: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. (P. C. de Souza, Trad., pp. 220-246). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1919.)
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In *Freud Obras Completas, Vol 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. (P. C. de Souza, Trad., pp. 14-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1930).
- Freud, S. (2010). Sobre a sexualidade feminina. In *Freud Obras Completas, Vol 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. (P. C. de Souza, Trad., pp. 372-398). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1931.)
- Freud, S. (2010). Por que a guerra, Carta a Einstein? In *Freud Obras Completas, Vol 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. (P. C. de Souza, Trad., pp. 418-435). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1932.)
- Freud, S. (2010). A feminilidade. In *Freud Obras Completas, Vol 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. (P. C. de Souza, Trad., pp. 263-293). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1933.)
- Freud, S. (2011). O problema econômico do masoquismo. In *Freud Obras Completas, Vol 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. (P. C. de Souza, Trad., pp. 184-202). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1924.)
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In *Freud Obras Completas, Vol 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. (P. C. de Souza, Trad., pp. 14-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1905).
- Garcia-Roza, A. L. (2009). *Freud e o inconsciente* (24a ed.). Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Gonçalves, N. (1996). Posição feminina e gozo suplementar. In J. Forbes (Org.), *Psicanálise: problemas ao feminino* (Coleção Biblioteca Freudiana, p. 17-21). São Paulo: Papirus.

- Harari, A. (1996). Viril ou masoquista? In J. Forbes (Org.), *Psicanálise: problemas ao feminino* (Coleção Biblioteca Freudiana, p. 55-59). São Paulo: Papirus.
- Jorge, C. A. M. (2010). *Fundamentos da Psicanálise: De Freud a Lacan* (vol. 2: a clínica da fantasia) Rio de Janeiro: Zahar.
- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. (V. Ribeiro, & M. L. X. de A. Borges, Trad.). Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Kuss, S. S. A. (2015). *Amor, desejo e psicanálise*. Curitiba: Juruá.
- La Planches, J., & Pontalis (2001). *Vocabulário de Psicanálise* (4a ed., D. Lagache, Dir., P. Tamem, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Lacan, J. (1985). *O seminário: livro 20, mais, ainda* (2a ed.). Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.
- Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006*. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm
- Minayo, S. C. M. (2006). *Violência e saúde* (Coleção Temas em Saúde). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Minayo, S. C. M. (2013). Violência e educação: impactos e tendências. *Revista Pedagógica, Chapecó*, 15(31), 249-264. 2013. Recuperado de <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/2338/1413>
- Narvaz, G. M. (2010). Masoquismo feminino e violência doméstica: reflexões para a clínica e para o ensino de psicologia. *Psicologia: Ensino & Formação*, 1(2), 47-59. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612010000200005
- ONU mulheres (2016). *Diretrizes Nacionais Femicídio: investigar, processar e julgar: com perspectiva de gênero, as mortes violentas de mulheres*. Brasília: ONU Mulheres, Secretaria de Política para as Mulheres, Secretaria Nacional de Segurança Pública. Recuperado de http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/diretrizes_femicidio.pdf
- Quinet, A. (2001). As formas de amor na partilha dos sexos – Metáfora: o feminino e o infantil. *Revista de Psicanálise do Ágora Instituto Lacaniano*, 1(1). Recuperado de http://agorainsti.dominiotemporario.com/doc/METAFORA_FEM_INFANT.pdf#page=10
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise* (V. Ribeiro, & L. Magalhães, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Saffioti, B. I. H. (2004). *Gênero, patriarcado, violência* (Coleção Brasil Urgente). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Silva, S. P. T. (2011). O lugar do desejo feminino frente à violência. *Reverso*, 33(62), 85-92. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952011000200010

Schraiber, B. L., & D'Oliveira, P. L. F. A. (1999). Violência contra mulheres: interfaces com a Saúde. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 3(5), 11-26. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/icse/v3n5/03.pdf>

Schraiber, L., D'Oliveira, A. F., Hanada, H., Figueiredo, W., Couto, M., Kiss, L., Durand, J., & Pinho, A. (2003). Violência vivida: a dor que não tem nome. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 7(12), 41-54. Disponível em:

<https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/icse/v7n12/v7n12a03.pdf

Valdivia, B. O. (1997). Psicanálise e feminilidade: algumas considerações. *Psicologia, Ciência e Profissão*. 20-27, 1997. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v17n3/04.pdf>

Recebido em: 30-10-2019

Primeira decisão editorial: 21-11-2019

Aceito em: 08-12-2019